

#cm

2

SEGUNDA-FEIRA

# O RIO É DO ROCK. O ROCK É DO RIO!



SETEMBRO ESTÁ CHEGANDO E COM ELE **MAIS UMA EDIÇÃO DO ROCK IN RIO.** CONFIRA NAS **PÁGINAS 2 E 3 A PROGRAMAÇÃO COMPLETA** DOS PRINCIPAIS **PALCOS DO MAIOR FESTIVAL DE MÚSICO AO VIVO DO MUNDO.**



ROCKOU!

A PROGRAMAÇÃO COMPLETA DOS PALCOS



Elton John já se apresentou no Rock in Rio em 2015

POR MARCELO PERILLIER

Faltam 15 dias para os portões da Cidade do Rock se abrirem e os milhares de fãs invadirem o espaço para se deliciarem nas atrações dos stands, dos brinquedos e, claro, para curitr seus artistas favoritos. Pensando nisso, o Correio da Manhã publica uma cartilha com os horários dos shows nos palcos Mundo, Sunset, Favela e Global Village, para não deixar ninguém na mão na hora de se planejar entre uma atração e outra para um lanche, uma diversão ou mesmo ver o ECCO. A programação nos demais palcos pode ser conferida no site do jornal, assim como todo o planejamento de transporte e mobilidade para o festival. Lembrando que os ingressos já estão disponíveis no aplicativo da Quentro e que as trocas de titularidade também podem ser feitas neste período.

Além disso, ainda há ingressos para os dias 4, 5, 7, 11 e 13 de setembro, no site da Ticketmaster. Não custa recordar que o Rock in Rio 2026 terá shows únicos no Brasil, como Elton John, Zara Larsson, Fatboy Slim e tantas outras atrações nacionais e internacionais, nos sete dias de festival.

4 DE SETEMBRO

PALCO MUNDO

- \*00h05 - Foo Fighters
- \*21h20 - Rise Against
- \*19h00 - The Hives
- \*16h40 - Nova Twins

PALCO SUNSET

- \*22h45 - Capital Inicial convida Dado Villa-Lobos
- \*20h10 - Hot Milk
- \*17h50 - Detonautas convidam Biquini
- \*15h30 - Di Ferrero

GLOBAL VILLAGE

- \*19h10 - Paulinho Moska

- \*16h50 - Leela
- \*15h00 - Giovana Moraes

FAVELA

- \*19h10 - Rodrigo do CN
- \*16h50 - Hitmaker
- \*15h00 - GBZ7N

5 DE SETEMBRO

PALCO MUNDO

- \*00h05 - Avenged Sevenfold
- \*21h20 - Bring Me The Horizon
- \*19h00 - MGK
- \*16h40 - Sepultura

PALCO SUNSET

- \*22h50 - Bad Omens



Depois de 2019, Black Eyed Peas volta ao festival



Averged Sevenfold fará dobradinha: 2024 e 2026

- \*20h10 - Poppy
- \*17h50 - Black Pantera convida Nervosa
- \*15h30 - Malvada convida Day Limns

GLOBAL VILLAGE

- \*19h10 - Korzus
- \*16h50 - Noturnall + Russell Allen
- \*15h00 - Rhegia

FAVELA

- \*19h10 - Major RD
- \*16h50 - Canto Cego
- \*15h00 - Quantum

6 DE SETEMBRO

PALCO MUNDO

- \*00h05 - Calvin Harris
- \*21h20 - Black Eyed Peas
- \*19h00 - Nelly
- \*16h40 - Barão Vermelho Encontro Formação Original convida Fernando Magalhães

PALCO SUNSET

- \*22h45 - Ne-Yo
- \*20h10 - Jota Quest toca Tim Maia
- \*17h50 - BaianaSystem
- \*15h30 - Calema

GLOBAL VILLAGE

- \*19h10 - Mohamed Ramadan
- \*16h50 - Mãeana
- \*15h00 - Bento Gil convida Flor Gil



Dia 7 de setembro ainda tem ingressos para o show do Elton John, o último dele, que se aposentou dos palcos e faz uma apresentação inédita no Brasil, já que não incluiu o país em sua turnê de despedida



A estreia do K-Pop no Rock in Rio também merece destaque, pois é um ritmo musical da nova geração e que ainda tem ingressos disponíveis e contará com um show especial do Alok, com drones e muitos efeitos especiais

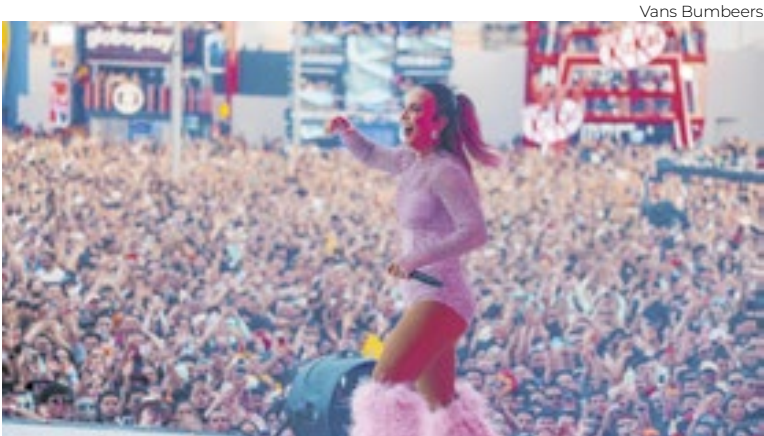
# MUNDO, SUNSET, FAVELA E GLOBAL VILLAGE



Demi Lovato esteve em 2022 e volta em 2026



Após quase dez anos, Maroon 5 volta ao festival



Ivete é figura carimbada no Rock in Rio



Gil: do Sunset em 2022 para o Mundo em 2026

- FAVELA**
- \*19h10 - Xamã
  - \*16h50 - Rael
  - \*15h00 - Budah

## 7 DE SETEMBRO

- PALCO MUNDO**
- \*00h05 - Elton John
  - \*21h20 - Gilberto Gil

- \*19h00 - Jon Batiste
- \*16h40 - Luísa Sonza convida Roberto Menescal

- PALCO SUNSET**
- \*22h45 - Laufey
  - \*20h10 - Péricles canta Motown
  - \*17h50 - Roupa Nova convida Guilherme Arantes
  - \*15h30 - Vanessa da Mata con-



Foo Fighters veio em 2019 e está de volta



Belo é embaixador do Espaço Favela



Capital Inicial também é frequente no Rock in Rio

- vida Rubel
- GLOBAL VILLAGE**
- \*19h10 - João Bosco
  - \*16h50 - Joyce Moreno, Leila Pinheiro e Fernanda Takai
  - \*15h00 - Wanda Sá

- FAVELA**
- \*19h10 - Belo

- \*16h50 - Mart'nália
- \*15h00 - Tiee

## 11 DE SETEMBRO

- PALCO MUNDO**
- \*00h05 - Stray Kids
  - \*21h20 - Alok - Keep Art Human
  - \*19h00 - Hwasa

- \*16h40 - Nexz

- PALCO SUNSET**
- \*22h45 - Jamiroquai
  - \*20h10 - PJ Morton
  - \*17h50 - Os Garotin convidam Duquesa
  - \*15h30 - Jota.Pê convida Luedji Luna e Zaynara

- GLOBAL VILLAGE**
- \*19h10 - Soulidfield
  - \*16h50 - Rio Bronx
  - \*15h00 - Lambateria com Félix Robatto

- FAVELA**
- \*19h10 - MC Cabelinho convida TZ da Coronel
  - \*16h50 - Puterrier & MC Carol
  - \*15h00 - Caio Luccas

## 12 DE SETEMBRO

- PALCO MUNDO**
- \*00h05 - Maroon 5
  - \*21h20 - Demi Lovato
  - \*19h00 - J Balvin
  - \*16h40 - Pedro Sampaio

- PALCO SUNSET**
- \*22h45 - Mumford & Sons
  - \*20h10 - João Gomes ao lado da Orquestra Brasileira
  - \*17h50 - Gilsos convida Danie-la Mercury e Olodum
  - \*15h30 - Criolo, Amaro & Dino

- GLOBAL VILLAGE**
- \*19h10 - Mestrinho
  - \*16h50 - Hamilton de Holanda
  - \*15h00 - Badi Assad

- FAVELA**
- \*19h10 - Timbalada
  - \*16h50 - Priscila Senna
  - \*15h00 - Soul de Brasileiro

## 13 DE SETEMBRO

- PALCO MUNDO**
- \*00h05 - Twenty One Pilots
  - \*21h35 - Halsey
  - \*19h10 - Lola Young
  - \*17h00 - Ivete Sangalo

- PALCO SUNSET**
- \*22h50 - Zara Larsson
  - \*20h20 - Marina Sena convida Céu
  - \*18h05 - Joelma convida Viviane Batidão
  - \*15h50 - Carol Biazin convida Joyce Alane

- GLOBAL VILLAGE**
- \*19h10 - Haley Smalls
  - \*16h50 - Lucy Alves
  - \*15h00 - Kynnie

- FAVELA**
- \*19h10 - Dennis
  - \*16h50 - Suel
  - \*15h00 - Marwila

# Gramado espalha 'Nosso Segredo' à posteridade



Filme de estreia da atriz mineira Grace Passô como diretora vence o festival mineiro, que põe 'Nosso Segredo' para voar com múltiplos Kikitos



'Nosso Segredo'

**RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

**D**eu Grace Passô na cabeça no 54º Festival de Gramado: a atriz mineira ganhou o Kikito de Melhor Filme por "Nosso Segredo", seu primeiro longa-metragem como diretora, que estreia nesta quinta-feira (27) no circuito exibidor. "Tô feliz, tô honrada, é muito tempo e é o prêmio que eu mais queria, pois é o que mais explicita a força coletiva", disse Grace.

Escalada faz pouco para representar o Brasil na briga pelo prêmio Horizontes Latinos de San Sebastián, na Espanha, em setembro, como protagonista de "A Professora de Francês", Grace foi festejada por muitos que subiram ao palco do Palácio dos Festivais a fim de serem premiados. O júri não esqueceu de seu lindo trabalho, um drama decolonial em tons fantásticos. "Nosso Segredo" ganhou ainda os Kikitos de Melhor fotografia e de Melhor Direção de Arte. Vista já no exterior, ao ter passado na Berlinale, na Alemanha, onde esteve na mostra competitiva Perspectivas, a trama fala da batalha de uma



Leite em Pó

família abalada pela morte do patriarca. O luto ali é sacolejado por elementos sobrenaturais que se conectam com os fantasmas da opressão ao povo preto.

"Tenho uma espécie de pacto comigo mesma: fui passando por várias funções — comecei como atriz, depois fui estudar, dirigir, escrever — sempre guiada por uma intuição, por imagens e formas que surgem na minha cabeça", explicou Grace ao Correio da Manhã, no Bafici, em Buenos Aires, ao fim de sessões lotadas de "Nosso Segredo".

Coroados com o Urso de Cristal na Berlinale, lá em fevereiro, enquanto aqui era carnaval, "Feito Pipa" seguiu jogando confete para a vida, estrada afora, até che-

gar ao 54º Festival de Gramado, em que virou "A" coqueluche. Ganhou a láurea do júri popular e deu um Kikito ao cineasta cearense Allan Deberton. Houve ainda menção a sua razão de ser, Yuri Gomes. O menino de 11 anos dá vida ao craque de bola Gugu, cuja identificação com a cultura queer lhe cria problemas na escola e na casa do pai. Por sorte, sua avó, Dilma, é um quindim com ele. E sua intérprete, Teca Pereira, brilha no papel. E o Palácio dos Festivais de Gramado foi abaixo quando Teca foi anunciada como vencedora - por unanimidade - pelo jeito como celebra o viver e o amor ao neto, no papel de Dilma. "Obrigada Deus, por me manter com saúde e energia



Chorão: Só Os Loucos Sabem

para chegar até aqui. São 49 anos de carteira e 74 de idade", agradeceu Teca no palco.

Antes dela, um dos astros mais amados do país, Lázaro Ramos, que vive o pai homofóbico (em desconstrução) de Gugu, foi chamado ao palco para buscar o Kikito de Coadjuvante. "É um prêmio pelo encontro", disse Lázinho, ao inaugurar o rol de conquistas de "Feito Pipa". "É difícil a gente se olhar. É difícil a gente se celebrar. É bom quando você encontra alguém que você admira, como o Allan, e ele surpreende."

Caixinha de surpresa, o prolífico cinema de José Eduardo Belmonte ("Alemão") já rendeu ao cinema algumas joias ("Gorila", "Se Nada Mais Der Certo") em

sua imparável produtividade, ao devassar códigos morais de uma sociedade craque em ser hipócrita. Só não se esperava que ele devassasse com fúria o neopentecostalismo brasileiro — indo aos intestinos do sistema digestivo das crenças evangélicas — com a contundência que faz em "Justino — Nos Bastidores do Reino". Ele abriu o placar de Gramado. Ganhou o primeiro Kikito da noite, o de Melhor Montagem, dividido entre Belmonte e Ivan Finotti. Pouco depois, foi agraciado com o Kikito de Melhor Ator, dado a Christian Malheiros, por um visceral desempenho. E teve ainda menção para a atriz trans Oona Silva, que encara uma travesti fundamental na luta por pessoas que



Feito Pipa

**OS PREMIADOS DE GRAMADO**

- Melhor Filme:** “Nosso Segredo”
- Júri Popular:** “Feito Pipa”
- Melhor Direção:** Allan Deberton, por “Feito Pipa”
- Melhor Documentário:** “Gonzaguinha, da Maior Liberdade”
- Melhor Atriz:** Teca Pereira, por “Feito Pipa”
- Melhor Ator:** Christian Malheiros, por “Justino: Nos Bastidores do Reino”, e José Loreto, por “Chorão: Só Os Loucos Sabem”
- Melhor Atriz Coadjuvante:** Naruna Costa, por “Pele de Rinoceronte”
- Melhor Ator Coadjuvante:** Lázaro Ramos, por “Feito Pipa”
- Melhor Roteiro:** Carlos Segundo e Rafael Copel, por “Leite Em Pó”
- Melhor Fotografia:** Wilssa Esser, por “Nosso Segredo”
- Melhor Direção de Arte:** Lucas Osório, por “Nosso Segredo”
- Melhor Montagem:** André Finotti e José Eduardo Belmonte, por “Justino: Nos Bastidores do Reino”
- Melhor Trilha Musical:** Otávio de Moraes, por “Chorão: Só Os Loucos Sabem”
- Melhor Desenho de Som:** Waldyr Xavier, por “Leite Em Pó”
- Menções honrosas:** para o .doc “Empeleitada”; para Yuri Gomes, ator mirim de “Feito Pipa”; e para Oona Silva, atriz de “Justino: Nos Bastidores do Reino”
- Júri Popular:** “Feito Pipa”
- Prêmio da Crítica:** “Leite Em Pó”

vivem com HIV, no exterior. É uma adaptação dos relatos literários do ex-pastor e escritor são-gonçalense Mário Justino, vivido por Malheiros. Mais frenético do que em seu discurso fílmico habitual, Belmonte usa um nome fictício para falar da Igreja Universal e transforma um Caio Blat na raia do assombro num alter ego de Edir Macedo. Ao cair nas lábias de pegadores, num momento de selvagem segregação entre os racistas de sua escola e de cansaço em relação à brutalidade de seu pai (Antonio Pitanga), Justino encontra abrigo na Palavra de Nosso Senhor. Seu erro foi se deixar encantar por uma pregação capitalista da Bíblia. “Trabalho na chave da es-

cuta”, disse Malheiros. Estudo crítico de um câncer social em metástase, que é o mal do feminicídio, o thriller “Pele de Rinoceronte” calou muitas bocas e estatelou olhares ao passar por Gramado. Ali, sob a direção de um quase estreante, Marcello Ludwig Maia (produtor com 30 anos de experiência e de sucesso, que era virgem na realização até o último domingo, quando o filme estreou), Naruna Costa encontra na palavra uma espécie de arma, o que lhe deu a láurea de Melhor Coadjuvante. Faz dela um instrumento contundente para debelar o machismo e a bestialidade do feminicídio. “Este Kikito representa uma vigância contra às violências que levaram as mulheres



Nos Bastidores do Reino



Pele de Rinoceronte

ao silêncio, por tanto tempo”, disse Naruna, sob uma ovação. Em estado de graça, ela interpreta uma advogada que, em 1976, assume a tarefa de ser a voz de acusação contra um rico que assassinou a tiros a namorada (ou seja, Doca Street e Ângela Diniz, cujos nomes não são mencionados). Sua angústia, diante do preconceito que há de sofrer por ser uma mulher preta de toga, é compartilhada com o marido jurista (Irândhir Santos). Tem ainda uma jornalista na cola dessa tragédia, interpretada por Débora Falabella em estado de graça. Com CEP em Natal (RN), “Leite em Pó”, primeiro longa de ficção de Carlos Segundo, foi a trama mais avessa a fórmulas

entre os concorrentes ao Kikito. Não à toa, levou a láurea de Melhor Roteiro. No filme de Segundo, Vinícius Oliveira (o Josué de “Central do Brasil”, hoje um quarantão) interpreta um homem de 40 anos, criado pela avó e fechado num universo particular dominado pelo rock, que precisa sair da zona de conforto à força de uma tragédia familiar. A aspereza da narrativa, com jeitão de Wim Wenders (em “Paris, Texas”) garantiu ainda o Kikito de som ao craque Waldyr Xavier. Para coroar ainda mais sua aura de boa sorte, rolou o Prêmio da Crítica para Segundo. “Esse filme é feito entre três estados, São Paulo, Minas e Rio Grande do Norte, onde vivo”, diz Segun-

do, que leciona na UFRN. “É um filme que fala sobre o sentimento de ausência”

Concorrente que mais (e pior) sofreu nas mãos da ala mais casmurra da crítica, o biopic “Chorão – Só Os Loucos Sabem” encontrou abrigo na risada vitoriosa do Kikito. O capeta que José Loreto tira de seu corpo ao interpretar o vocalista do Charlie Brown Jr. foi salpicada com uma estatueta, num empate com Malheiros. Coube ainda um prêmio de Melhor Trilha Sonora à produção. Hugo Prata e Felipe Novaes assinam a direção da saga do músico Alexandre Magno Abrão (1970-2013), mais conhecido pelo seu nome artístico Chorão foi um cantor, rapper, compositor, skatista, cineasta, roteirista, empresário e músico brasileiro. É José Loreto quem dá vida a ele, numa produção que segue o acorde do premiado “Elis” (2016), driblando controvérsias, com foco num retrato afetivo. “Eu dormia e acordava Chorão”, disse Loreto.

No campo de excelência do documentário, o lírico “Gonzaguinha, Da Maior Liberdade” fez com que uma das mais potentes grifes autorais do Brasil, Susanna Lira, saísse do Rio Grande do Sul com o Kikito. Ela venceu como Filme Documental por seu retrato de um poeta que cantou a resistência em tempos de ditadura e em tempos de democracia. “O documentário é a minha residência fixa”, disse Susanna.

Na praia da não ficção, foi designada uma distinção, em forma de menção honrosa, para o fluxo em forma de transe que constitui “Empeleitada” (PE). Esse experimento metafísico de Micaele Xukuru, Chico Ludermit e Sérgio Borges segue a construção coletiva de uma casa de taipa uma forma de dar corpo à memória do povo indígena Xukuru. Uma morada nascida da terra, da luta e dos encantados, o curta transforma o gesto de construir em ato de permanência.

Na disputa de curtas, a vitória foi da crônica de uma metrópole aberta a riscos batizada “(Shibal)”, escrita e realizado por João Rubio Rubinato. Rodado em 16mm no bairro do Bom Retiro, em São Paulo, o filme apresenta uma trama tragicômica sobre o caos urbano a partir de um dia na vida do gravurista Tom, interpretado por Tavinho Teixeira. Houve um outro curta que pôs o festival no bolso: “Pão Doce”, de Wesley Gabriel Silva Santos. A atuação de Francisco Gaspar, no papel de um padeiro que luta para poder celebrar o aniversário da filha, foi coroada com uma láurea de Melhor Interpretação. A realização de Wesley foi premiada também.

Terminado Gramado, as atenções do cinema nacional se voltam para o Festival de Brasília, que rola de 11 a 19 de setembro, no Distrito Federal.

## LINHAS DE FUGA

por ERIK DE CASTRO\*



Reprodução

Velocidade de luz  
(um planeta à deriva)

Vivemos a 1000 por hora. Literalmente. Nosso planeta gira a mais de 1000 quilômetros por hora em torno de seu eixo. Vivemos a 100.000 por hora também. Nosso planeta gira a mais de 100.000 quilômetros por hora em torno do Astro Rei: Vivemos num 'pião' de corda, que foi solto no espaço numa órbita elíptica veloz e furiosa, que mistura giros insanos e - eternamente enquanto dure - precisos...

Quando vemos, já fomos. Quando percebemos, já estamos... Perto do fim. Tudo é rápido, "num sopro"... A vida é um sopro, disse o mestre da arquitetura Oscar Niemeyer - aliás, esse o título de sua (fundamental) cinebiografia.

E nisso... Vivemos, nascemos e morremos, de geração em geração, "a cada 100 anos varridos da Terra" - como bem colocou recentemente Woody Allen.

E nisso... Construímos, sem sentido pleno aparente algum se for parar pra pensar... A Humanidade. O sentido reside aí? Sim, residiria... Entre Isaac Azimov e meu xará Erich Von Daniken - enquanto Aldous Huxley e George Orwell nos alertavam - tentamos entender de onde somos - e não 'viemos' - e pra onde, aí sim, vamos...

Hoje, um brasileiro cientista com alcunha de Profeta, 'Nicollelis' (nome que histórica e semanticamente se alinhará aos grandes da História - 'Galileu', 'Da Vinci', 'Nostradamus') nos alerta em Podcasts e livros sobre os perigos e verdades por trás da disseminação desenfreada da IA, útil sim se controlada por nós e por nós utilizada para fins específicos... Cegos e surdos são os que não querem ouvi-lo.

Ainda... Em meio a Greys e Reptilianos, Anunnakis, o visitante de Varginha e os 'disclosures' recentes, temos a certeza de que não estamos sós... E como estaríamos? Um ponto azul perdido na vastidão do Universo. Sozinhos em Vida? Impossível. Simples assim.

A Terra gira, os sonhos vão e o vasto saber e querer de nossa raça se esvai enquanto exterminamos a nós mesmos: por Terra, Mar - onde nossos irmãos estelares já estão - e Ar. Machucando e destruindo nossa Casa com cada vez mais asfaltos e bom-

bas...

A órbita perfeita a mil por hora tem dia e hora para acabar. Só não sabemos quando. Por obra e graça do espírito humano... Não dependeremos da final explosão de nossa Estrela Solar para nos esvair como raça e nem nossas astronaves interestelares jamais nos salvarão de nossa maior perdição... Nós mesmos. Não será apenas a IA que nos dominará em nossa burra e explicavelmente capitalista transferência de conhecimento humano para as máquinas, com o benefício - como visionariamente colocou "Blade Runner" - se transformando rapidamente em assustadora ameaça...

Nós cairemos perante nossa própria empáfia e ignorância.

O ser humano tem o potencial enorme de ser pleno, belo e potente... De luz, sabedoria e amor.

Ao invés disso, em geral em sua esmagadora maioria, escolhe a ignorância, a ganância e o egocentrismo.

A maldade, pura e simples, por razões diversas, por trás de todas as ideologias... E por trás simplesmente das sombras que se escondem nos confins da alma humana, individual... Entre essa e outras dimensões, espirituais inclusive, o nosso destino já está traçado então... A autodestruição virá... Por IA... Pelo clima... Pela polaridade em sistemas - quais sejam - inoperantes... Pelas guerras sem fim como consequência natural dessa zorra toda... Pelos Seres Alados - quais sejam, de onde vierem, Dimensões, Mundos, o Infinito - que nos darão o basta definitivo.

Em suma, enfim... Por nossa inexplicável e histórica falta predadora de Amor Próprio.

A solução viria se deixássemos a Paz, definitivamente, entrar.

Acolhedora, aquecedora... Despertando-nos para um amanhã melhor enquanto habitantes da Nave Terra em voo solo e sem dor pelo espaço profundo e circular...

Em velocidade de luz.

No entanto... Somos muito limitados para isso. A capacidade, observando milhares de anos de nossa história como raça humana, claramente nos falta. Habitamos... Um planeta à deriva.

\*Cineasta



A premiada Cia. do Tijolo (SP) está no Rio em curta temporada com 'Restinga de Canudos'

A voz dos anônimos  
de Belo Monte

Vencedora do APCA de Melhor Direção, Cia. do Tijolo encena 'Restinga de Canudos, um mergulho nas histórias por trás do massacre no sertão

**A**s ruínas de Canudos dormem sob as águas do açude de Cocorobó, no sertão baiano, desde que o governo decidiu alagar o que restou do arraial massacrado entre 1896 e 1897. Em períodos de seca extrema, como aconteceu em 2013, partes da antiga igreja reaparecem — fantasma de uma comunidade que chegou a reunir mais de 20 mil mil pessoas e foi dizimada em quatro expedições militares da recém-instalada República.

É dessa submersão, literal e simbólica, que nasce "Restinga de Canudos", espetáculo da Cia. do Tijolo, de São Paulo, que chega à Arena do Sesc Copacabana com temporada até 13 de setembro. A montagem, vencedora do Prêmio APCA de Melhor Direção em 2025, desloca o foco do bombardeio e da figura de Antônio Conselheiro para o cotidiano de quem construiu em Belo Monte uma forma própria de existência.

O diretor e dramaturgo Dininho Lima Flor, pernambucano de Tacimbo que atua na companhia desde 2008, assina o texto ao lado de Rodrigo Mercadante, fundador do grupo. A cena é conduzida por

“É essa memória coletiva que ainda pode inspirar esperança e resistência no presente”

DINHO LIMA FLOR

duas professoras, figuras que costuram a narrativa e sinalizam o papel da educação naquela comunidade — não por acaso, a Cia. do Tijolo bebe na fonte do pensamento de Paulo Freire, de quem empresta o nome: "tijolo" era uma das palavras geradoras usadas pelo educador na alfabetização de operários da construção civil.

No palco, vozes de agricultores, indígenas, beatos, cantadores e poetas populares compõem um mosaico que recria uma Canudos viva antes de sua destruição. A música original de Jonathan Silva percorre a dramaturgia como elemento estruturante, não como adorno. O elenco reúne artistas de

diferentes regiões do país, entre eles Odília Nunes, Artur Mattar, Jaque da Silva e outros treze nomes. A encenação articula teatro, música ao vivo e cultura popular, estabelecendo diálogo direto com questões que continuam atravessando o Brasil — violência de Estado, desigualdade, luta por direitos.

Como observa Dininho Lima Flor, "é essa memória coletiva que ainda pode inspirar esperança e resistência no presente". A frase resume a operação dramaturgical do espetáculo: em vez do elogio à dor, a reescrita de um passado onde houve organização comunitária, invenção política e vida — antes que tudo virasse ruína submersa. Fundada em 2008, a Cia. do Tijolo já havia conquistado o Prêmio Shell de Música com "Concerto de Ispinho e Fulô" e o de Melhor Cenário com "Cantata para um Bastidor de Utopias". Em "Restinga de Canudos", dá mais um passo na reinvestigação de episódios fundadores da identidade brasileira.

O espetáculo é, em certo sentido, um mergulho nas águas de Cocorobó. Recupera o que foi soterrado — não apenas em termos físicos, mas de memória. E devolve ao palco vozes que a história oficial calou.

## SERVIÇO

## RESTINGA DE CANUDOS

Arena do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160) Até 13/9, quintas e sextas (20h) | sábados e domingos (18h) Ingressos: R\$ 40, R\$ 20 (meia), R\$ 36 (conveniados), R\$ 31 (conveniados empresarial), R\$ 28 (sócio Sesc) e grátis (PCG)

# Festival oferece parrillas selecionadas no Rio e SP

Unidades do Corrientes 348 trazem sete cortes especiais do sudeste uruguaio

AFFONSO NUNES

N eterna disputa entre argentinos e uruguaios pela melhor parrilla — rivalidade que só perde em intensidade para a que se trava nos campos de futebol —, a verdade é que ambos os países saem campeões. Se Buenos Aires consagrou o asado como ritual nacional, Montevideú e o interior do Uruguai cultivam, há quatro séculos, uma tradição pecuária que dispensa apresentações.

Foi justamente dessa tradição que o Corrientes 348 se apropriou para o mais recente capítulo de sua Coleção 348 de festivais de cortes especiais — série que já passou pelo Wagyu A5 japonês, pelas raças argentinas Braford, Brangus e Hereford, e pelo raro Cejas 348.

As cinco casas do grupo — três em São Paulo e duas no Rio — pas-



O bife de chorizo do Frigorífico Copayan é uma das atrações do festival

sam a servir o Festival Angus Uruguaio, em edição limitada que dura enquanto durar o estoque do lote trazido do departamento de Rocha, no sudeste do país vizinho.

A escolha do produtor recaiu sobre o frigorífico Copayan, sediado numa região litorânea entre o Atlântico e a fronteira com o Brasil,

onde pastagens temperadas crescem sob influência direta da maresia. O efeito é uma salga natural da vegetação que, segundo o especialista do grupo, Henrique Freitas, imprime na carne uma identidade própria. “Assim como os grandes vinhos, a carne precisa de tempo para desenvolver seu terroir”, afirma.

Os bovinos permanecem com as mães até os seis meses, passam por 12 a 14 meses de recria em pastagens naturais e, por fim, enfrentam mais de 200 dias de terminação em confinamento — etapa que desenvolve o marmoreio e a cobertura de gordura ideais. São sete cortes: Especial 348 (R\$ 288), bife ancho (R\$ 328),

asado de tira (R\$ 318), ojo del bife (R\$ 328), bife de chorizo (R\$ 284), tapa de cuadril (R\$ 332) e entraña (R\$ 460).

O Uruguai exporta anualmente entre 400 mil e 500 mil toneladas de carne bovina e ostenta raças britânicas — sobretudo Angus e Hereford — cultivadas sobre um tapete verde natural sem qualquer elevação de terreno que daria músculos aos animais. O Copayan obteve em 2019 habilitação para exportar carne congelada para a China.

No salão, a orientação fica por conta do Guardián, profissional que atua como uma espécie de sommelier de carnes, ajudando o cliente a navegar entre texturas e intensidades. “Aos poucos, os clientes estão identificando suas preferências e comendo com mais prazer”, conta Freitas.

## SERVIÇO

### CORRIENTES 348

#### Unidade Marina da Glória:

Avenida Infante Dom Henrique, restaurante 103. Tel: (21) 2557-4027 | Segunda a sábado (12h às 23h) e domingos (12h às 21h30)

#### Unidade Barra da Tijuca:

Avenida das Américas, 7777. Tel: (21) 3648-7008. Segunda a sábado (12h às 23h30) | domingos (12h às 21h) @corrientes348

## NOTÍCIAS DA COZINHA

POR NATASHA SOBRINHO



Divulgação

### Seis mãos sobre Copa

O Skylab, do Othon Palace, promove no dia 27 jantar a seis mãos com os chefs Frédéric Jaunault, Frédéric Monnier e Rubens Gonçalves. O menu degustação une referências da cozinha francesa e sabores brasileiros. A experiência começa com amuse-bouches assinados pelos três chefs e segue com entradas como camarão, batata-doce e rouille, além de escabèche de peixe. Para o prato principal, Frédéric Monnier apresenta o Cordeiro 7 Horas e a sobremesa reúne chocolate meio-amargo e cupuaçu. Reservas pelo WhatsApp: (21) 97668-3272.



Divulgação

### Novo restaurante

O chef Elia Schramm, à frente do Babbo Osteria e do Francese, prepara para novembro a abertura do Romita, seu novo restaurante italiano no Shopping Leblon. A casa terá o espírito de uma trattoria, com ambiente acolhedor e uma cozinha descomplicada, inspirada nos clássicos da riquíssima culinária da Península Itálica. No cardápio, estarão receitas tradicionais italianas, com massas, molhos de tomate e pratos que valorizam sabores afetivos e conhecidos, além de uma carta de vinhos que valoriza os pratos.



Bruno Contrin/Divulgação

### Harmonia gastronômica

O Festival Harmonia chega à quarta edição reunindo grandes nomes da gastronomia, de 28 a 30 de agosto, no Parque das Figueiras, na Lagoa. Com entrada gratuita, o evento terá aulas, degustações, ilhas gastronômicas e uma feira de pequenos produtores. Entre os chefs confirmados estão Erick Jacquin, Bel Coelho, Rafael Gomes, Elia Schramm, Heaven Delhay, Frédéric Monnier e Frédéric Jaunault. A programação gastronômica parte dos seis biomas brasileiros, apresentando ingredientes, receitas e saberes de diferentes territórios.

## SEGUNDA NO 2

por  
**FERNANDO  
MOLICA**

# O streaming e os restaurantes a quilo

*Milton Nascimento, que lançou os LPs "Minas" e "Geraes"*

**O** na prática, fim dos CDs foi decisivo para fazer com que muitos ouvintes habituais de músicas incorporassem a lógica de clientes de restaurantes a quilo. Antes, havia uma tendência de se respeitar a ordem das canções dispostas pelos artistas e seus produtores em cada disco. Agora, tudo varia ao gosto do freguês.

Os álbuns eram concebidos como obras em que havia começo, meio e fim. A ordem das faixas procurava contar uma história, algo que, muito provavelmente, tinha raízes na ópera, na ideia de uma sequência que ia da abertura ao grande final.

A lógica dos LPs e CDs remetia também às refeições menos apressadas, um menu que incluía entrada, prato principal e sobremesa. Um ritual que vale também para situações menos formais, como o churrasco dominical — primeiro, a linguíça; depois, o coração de galinha e, em seguida, a picanha ou fraldinha. Os mais famintos ainda fazem questão da bonus track em forma de sobremesa.

## A ordem das faixas procurava

*contar uma história, algo que, muito provavelmente, tinha raízes na ópera, na ideia de uma sequência que ia da abertura ao grande final*

A facilidade que nos é proporcionada pelos serviços de streaming dinamitou esse processo construído ao longo de décadas e nos jogou diante de balcões cheios de comida, onde podemos, sem qualquer constrangimento ou rigor, misturar sushi com salada, feijão, arroz, macarrão, fritas, bife, filezinho de frango.

Muitos artistas mantêm esse compromisso com a construção de uma unidade entre as

canções que apresentam nos álbuns, mas sabem que muitas serão consumidas como canapés em um coquetel. Sabedores disso, outros cantores e cantoras preferem lançar EPs ou, mesmo, uma faixa por vez.

A mudança de hábitos tem a ver com a velocidade com que navegamos na internet, com que pulamos do Trump para a ginástica rítmica, da taxa de juros para a rodada do Brasileirão, do Instagram para o Facebook, e por aí vai, em uma sequência infinita de cliques.

Ouvir um CD inteiro exige alguma imersão, um ligar de pontos na busca de canções que possam nos encantar, surpreender e, mesmo, reiterar características de um artista. Em 1984, Chico Buarque lançou um LP que começava com "Pelas tabelas", crônica sobre manifestações pelas Diretas Já. O disco terminava com o sambão "Vai passar", crítica às tenebrosas transações protegidas pela ditadura que conseguira impedir o direito de a população voltar a eleger seu presidente.

"Minas" e "Geraes", de Milton Nascimento, são como suítes, tamanho o encadeamento das canções. O também clássico "A

arte negra de Wilson Moreira e Nei Lopes" (1980) abre com uma colagem que remete à nostalgia e termina jogando para o futuro com o manifesto "Ao povo em forma de arte", samba de enredo da Quilombo.

Ainda mais antigo, o LP de João Gilberto que, em 1959, marcou de vez o início da Bossa Nova, carrega uma proposital ironia: a faixa de abertura é "Chega de saudade", de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, que dá título ao trabalho. Em seguida, vem uma leva de canções de outros autores bossanovistas, como Carlos Lyra e Ronaldo Bôscoli.

No lado B estão "Desafinado", de Tom e Newton Mendonça, e uma fileira de compositores já clássicos, como Dorival Caymmi e Ary Barroso — a revolução estética de João não descartava o passado, o transformava.

Sem preconceito, sem mania de passado: não dá para brigar com os fatos, com a mudança dos tempos, mas vale pensar um pouco sobre essa fragmentação de narrativas, no processo que, na prática, isola causas de consequências, que foca ano imediato, no mais chamativo, no sanduíche engolido com pressa